

VOZES INDIVIDUAIS E SOCIAIS NO DISCURSO DE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE

Luiz Rosalvo Costa¹

Hellen Regina do Nascimento²

Resumo: Com base em proposições do Círculo de Bakhtin, no presente artigo focalizamos o discurso de divulgação científica da UFS postulando a ideia de que os enunciados em que esse discurso se materializa são constituídos por uma articulação de vozes individuais e sociais que, organizadas por procedimentos linguístico-textuais, refletem e refratam posições ideológicas em circulação no fluxo interdiscursivo da sociedade. Em acordo com essa proposição, buscamos mostrar alguns modos pelos quais o discurso de divulgação científica da UFS, efetivado em diferentes gêneros e sistemas de gêneros, se constrói por meio de relações dialógicas nas quais a heterogeneidade opera como um dos elementos fundamentais.

Palavras-chave: Discurso; Divulgação científica; Dialogismo; Heterogeneidade.

Introdução

Este artigo resulta de um plano de trabalho de iniciação científica desenvolvido no âmbito de um projeto de pesquisa mais amplo³, cujo propósito é o estudo de modos de manifestação da heterogeneidade no discurso de divulgação científica. Orientada por esse objetivo, a pesquisa se volta para enunciados (produzidos em diferentes modalidades enunciativas) em que se dá a materialização do discurso de divulgação científica da Universidade Federal de Sergipe (doravante UFS), por meio do qual ela apresenta ao público em geral informações sobre suas atividades,

¹ Professor Adjunto no Departamento de Letras da Universidade Federal de Sergipe, *Campus Itabaiana*. lrcosta@academico.ufs.br.

² Graduanda em Letras/Português na Universidade Federal de Sergipe, *Campus Itabaiana*. hellennascimento@academico.ufs.br.

³ Trata-se do plano de trabalho intitulado “Processos de incorporação da palavra alheia no discurso de divulgação científica da UFS”, realizado por Hellen R. Nascimento, na modalidade PicVol, no período agosto de 2019 a agosto 2020, como parte do projeto de pesquisa PVE7540-2019, “A heterogeneidade em processos enunciativos no discurso de divulgação científica da Universidade Federal de Sergipe”, coordenado por Luiz R. Costa.

projetos e programas, em consonância com seu Plano de Desenvolvimento Institucional 2016-2020:

Uma das formas de reforçar o pertencimento à sociedade é comunicar-se. A atuação da Universidade Federal de Sergipe deve ir além das atividades executadas “intramuros”. A transmissão do conhecimento, a pesquisa e a extensão devem ser comunicadas ao grande público de tal forma a que temas complexos ou ordinários sejam discutidos à luz do rigor científico e compartilhados por todos (UFS, *Pano de Desenvolvimento Institucional 2016-2020*, p. 59).

Organizado em torno desse propósito, o plano de trabalho de que resulta este artigo se concentrou na investigação de modos pelos quais diferentes vozes, posições e tendências presentes no fluxo discursivo da sociedade atravessam o discurso de divulgação científica dessa universidade e a ele são incorporadas por meio de diversos procedimentos enunciativos.

O pressuposto teórico fundamental do trabalho, assentado em proposições da obra do Círculo de Bakhtin, é a ideia de que a linguagem, como a vida, é, por natureza, dialógica, e se realiza efetivamente por meio de enunciados concretos (produzidos em práticas sociais historicamente situadas) para cuja construção são mobilizados simultaneamente e em íntima articulação saberes e recursos linguísticos e extralinguísticos. Nessa concepção, os enunciados em que se materializam as práticas discursivas na sociedade, não obstante sejam deflagrados pelo intuito discursivo de sujeitos empíricos, não se constituem como processos ou produtos unívocos, homogêneos, mas, ao contrário, são marcados pela heterogeneidade, uma vez que neles também se manifestam diferentes vozes (o já falado, o já escrito, o já dito), diferentes posições e diferentes forças em interlocução no fluxo interdiscursivo da sociedade.

O estudo busca, assim, se efetivar como um trabalho cuja relevância pode ser expressa em dois aspectos principais. De um lado, a sistematização de informações acerca dos modos pelos quais a universidade pública em foco organiza e realiza atividades discursivas com o objetivo tanto de prestar contas a respeito do desenvolvimento da sua produção científica, quanto de contribuir para a difusão da ciência e para o letramento científico da sociedade. De outro, a demonstração de que, diferentemente do que sugere a imagem de objetividade e neutralidade que, a partir do racionalismo iluminista, costumeiramente se associou ao universo da ciência,⁴ a divulgação científica não é uma atividade discursiva monolítica, homogênea, unívoca, produzida a partir de um único centro de proferição, mas, ao contrário, se constrói, a exemplo de qualquer outro discurso, como um território

⁴ Ver, a esse respeito, a discussão feita por Coracini (1991), em que a autora dialoga com a suposta objetividade do discurso da ciência, contrapondo a ela uma caracterização desse discurso como um fazer persuasivo no qual está inscrita a subjetividade.

atravessado pelos embates, negociações, acordos e conflitos que se travam no fluxo ideológico-discursivo da sociedade.

Para a constituição do *corpus* do referido plano de trabalho, foi observado um total de dezoito enunciados de divulgação científica da UFS produzidos em formato de vídeo, de áudio e de texto predominantemente verbal (seis em cada formato). Dado que possíveis alterações ao longo do tempo não eram relevantes para os propósitos da pesquisa, a seleção privilegiou uma amostra sincrônica dos enunciados, coletando exemplares disponíveis em veículos de divulgação da universidade (*site*, emissora de rádio e redes sociais) e buscando contemplar a diversidade de áreas (ciências exatas e naturais, humanidades, letras e artes). Para a análise aqui desenvolvida, foram utilizados recortes de cinco desses enunciados, levando em conta, para a seleção, a representatividade dos procedimentos neles encontrados e a viabilidade de apresentação dos dados e dos resultados nos limites do artigo.

Assim, pela análise dos enunciados apresentada mais adiante, buscamos descrever alguns dos processos e procedimentos por meio dos quais o discurso de divulgação científica da UFS se constitui, para utilizar a metáfora de Volóchinov ([1929] 2017, p. 113), como um palco em que diferentes vozes, forças e posições ideológicas se movimentam em disputas, embates e negociações pela construção de significados e sentidos.

Heterogeneidade como propriedade de todo discurso

Discussão fundamental sobre a heterogeneidade enunciativa que atravessa todo discurso encontra-se em Authier-Revuz ([1982]2004), em estudo basilar no qual a autora mostra que, no discurso proferido por um determinado locutor, encontra-se inerentemente inscrita a presença do outro, cuja voz pode se apresentar de maneiras linguisticamente detectáveis na superfície do texto, constituindo o que ela chama de *heterogeneidade mostrada*, ou pode atravessar o discurso sem deixar marcas linguísticas, configurando, nos termos dessa autora, a *heterogeneidade constitutiva*.

Além de uma determinada apropriação da psicanálise que, assentada nas leituras lacanianas de Freud, contrapõe “à imagem de um sujeito ‘pleno’, que seria a causa primeira e autônoma de uma palavra homogênea” sua posição de “uma *palavra heterogênea* que é o fato de um sujeito dividido” ([1982]2004, p. 48-49 – grifos no original), as formulações de Authier-Revuz nesse estudo referencial, no qual inúmeros outros estudos se amparam para tratar da heterogeneidade, evidenciam também a incorporação do dialogismo proposto pelo Círculo de Bakhtin a partir da década de 1920, do qual emana a proposição de acordo com a qual o enunciado concreto em que se materializa o discurso de um determinado sujeito é um *locus* em que se encontram diferentes posições ideológicas presentes no fluxo ideológico-discursivo da sociedade.

Nessa perspectiva, longe de ser a manifestação exterior de uma certa subjetividade, o discurso corresponde na realidade a uma instância em que o intuito individual se encontra com as determinações e os condicionamentos sociais. Além da voz do sujeito, no discurso falam também vozes outras, sejam aquelas visíveis nos elementos composicionais do enunciado, sejam aquelas interiormente inscritas na sua arquitetura. Nas palavras de Volóchinov:

Pois não há um só enunciado verbal que possa, seja em que circunstância for, ser atribuído somente ao seu autor; ele é *o produto de uma interação entre locutores* e, em sentido amplo, o produto de toda a complexa *conjuntura social* em que ele surgiu [...] A língua e as formas de que ela se reveste são produto de uma comunicação social contínua no seio de um determinado grupo linguístico. O enunciado as encontra, por assim dizer, todas prontas, como um material restringindo suas possibilidades. E o que o caracteriza propriamente (a escolha de certas palavras, uma certa construção da frase, uma certa entonação) não é mais que o reflexo da relação que une o locutor à complexa conjuntura social em que se desenrola o diálogo (1980[1927], p. 174 – grifos no original).⁵

Semelhante postulado, comum aos trabalhos de Volóchinov, Medviédev e Bakhtin, vai encontrar diferentes formulações em diversos trechos da obra, na qual com insistência se reitera a natureza dialógica do discurso e o seu caráter de território constitutivamente povoado de vozes alheias. Nos termos de Bakhtin,

Em todos os domínios da vida e da criação ideológica, nossa fala contém em abundância palavras de outrem, transmitidas com todos os graus variáveis de precisão e imparcialidade. Quanto mais intensa, diferenciada e elevada for a vida social de uma coletividade falante, tanto mais a palavra do outro, o enunciado do outro, como objeto de uma comunicação interessada, de uma exegese, de uma discussão, de uma apreciação, de uma refutação, de um reforço de um desenvolvimento posterior etc., tem peso específico maior em todos os objetos do discurso (2002[1934-35], p. 139).

Nessa perspectiva, é uma condição intrínseca de qualquer enunciado ser habitado e atravessado por vozes, que podem, nos marcos dessa concepção, ser caracterizadas como sociais ou individuais. Na dimensão em que correspondem à proferição de sujeitos dotados de intuito discursivo e responsáveis/responsabilizáveis por seus atos (BAKHTIN, [1920-24] 2010), trata-se de vozes individuais,

⁵ “Car il n’est pas un seul énoncé verbal qui puisse, en quelque circonstance que se soit, être porté au seul compte de son auteur: il est *le produit d’une interaction entre locuteurs* et, plus largement, le produit de toute la *conjuncture sociale* complexe dans laquelle il est né (...) n’importe quel produit de notre activité linguistique, – du propos quotidien le plus élémentaire à l’oeuvre littéraire la plus élaborée, – résulte, pour tout ce qui tient à ses traits essentiels, non de la réaction subjective du locuteur mais de la conjuncture sociale dans laquelle il est prononcé. La langue et les formes qu’elle revêt sont le produit d’une communication sociale continue au sein d’un groupe linguistique donné. L’énoncé les trouve, pour ainsi dire, toutes prêtes, comme un matériau restreignant ses possibilités. Et ce qui le caractérise en propre (à savoir le choix de certains mots, une certaine construction de la phrase, une certaine intonation de l’énoncé) n’est que le reflet de la relation qui unit le locuteur à l’ensemble de la conjuncture sociale complexe dans laquelle se déroule le dialogue.”

em diálogo responsivo com enunciados anteriores e/ou virtualmente posteriores. Cabe assinalar que voz individual não necessariamente corresponde a uma pessoa física, mas pode corresponder a um indivíduo coletivo, institucional, como, por exemplo, o *governo do estado* ou o *instituto, a universidade* etc.

Por outro lado, nos termos também propostos pelo Círculo de Bakhtin, uma voz individual nunca é estritamente individual. Em primeiro lugar, porque uma proferição nunca parte de um ponto zero, mas sempre de um já falado, um já escrito, um já dito, e com esse já dito entra responsivamente em relação dialógica. A esse respeito, afirma Bakhtin que

todo falante é por si mesmo um respondente em maior ou menor grau: porque ele não é o primeiro falante, o primeiro a ter violado o eterno silêncio do universo, e pressupõe não só a existência do sistema da língua que usa mas também de alguns enunciados antecedentes – dos seus e alheios – com os quais o seu enunciado entra nessas ou naquelas relações (baseia-se neles, polemiza com eles, simplesmente os pressupõe já conhecidos do ouvinte). Cada enunciado é um elo na corrente complexamente organizada de outros enunciados (BAKHTIN, 2010[1952-53], p. 272).

Em segundo lugar, porque todo enunciado provém de alguém e se dirige para alguém, com o detalhe de que o destinatário não é apenas o interlocutor imediato do diálogo; além desse *outro* imediato, o diálogo comporta também um *Outro*, que corresponde à consciência social, ou seja, a valores, ideias, referências éticas, estéticas e cognitivas cristalizadas nas esferas ideológicas instituídas e em circulação difusa na comunicação da vida cotidiana. É o que, nas formulações de Medviédev, é designado como *meio ideológico*.

O meio ideológico é a consciência social de uma dada coletividade, realizada, materializada e exteriormente expressa [...].

[...] para cada coletividade, em dada época de seu desenvolvimento histórico, esse meio se manifesta em uma totalidade concreta, singular e única, reunindo em uma síntese viva e imediata a ciência, a arte, a moral e outras ideologias (MEDVIÉDEV, 2012[1928], p. 56-57).

É esse *Outro* que se situa no diálogo como um terceiro elemento, acima dos interlocutores imediatos. É sob o olhar desse *supradestinatário* (como o chamará Bakhtin em trabalho posterior) que o enunciado “ocorre como que no fundo de uma compreensão responsiva de um terceiro invisivelmente presente, situado acima de todos os participantes do diálogo” (BAKHTIN, 2010[1959-61], p. 333). E mais:

Em diferentes épocas e sob diferentes concepções de mundo, esse supradestinatário e sua compreensão responsiva idealmente verdadeira ganham diferentes expressões ideológicas concretas (Deus, a verdade

absoluta, o julgamento da consciência humana imparcial, o povo, o julgamento da história etc.) (BAKHTIN, 2010[1959-61], p. 333).

Nessa perspectiva, todo enunciado, ainda que proferido individualmente, tem sempre uma dimensão social que ao mesmo tempo ultrapassa o indivíduo que o profere e o interlocutor imediato a que se dirige. Entre outras coisas, isso significa que, mesmo nas vozes individuais manifestadas no território do enunciado, também ecoam vozes outras, que exprimem tendências, posições, ideias e apreciações valorativas em circulação no fluxo discursivo-ideológico da sociedade.

Adotando a perspectiva proposta por essa concepção, a argumentação desenvolvida a seguir é animada pelo propósito de identificar e descrever algumas das vozes sociais e individuais inscritas no discurso de divulgação científica da UFS, evidenciando alguns aspectos nos quais elas se constituem como vozes representativas de posições ideológicas presentes no fluxo interdiscursivo da sociedade.

A heterogeneidade no discurso de divulgação científica

O pressuposto básico que se assenta, portanto, a análise aqui apresentada é ideia de que o discurso científico é um discurso por natureza dialógico, na medida em que os sentidos por ele produzidos se organizam em uma arquitetura cujos procedimentos construtivos pressupõem a incorporação de elementos referidos à relação entre o eu e o outro.

Se isso se aplica ao discurso propriamente científico, é ainda mais válido para a divulgação científica, visto se tratar de uma atividade discursiva situada justamente na interseção da esfera científica com outras esferas de atividade social, como, por exemplo, a esfera midiática e a educacional.

Retomando aqui a caracterização proposta por Bueno (1984), vale lembrar que a difusão da ciência para a sociedade se realiza basicamente de duas formas. Uma é a *disseminação científica*, que consiste na difusão do conhecimento no interior da própria esfera científica, seja dentro de uma mesma área (disseminação intrapares), seja em áreas científicas diferentes (disseminação extrapares). A outra é justamente a *divulgação científica*, que se define pela “utilização de recursos, técnicas e processos para a veiculação de informações científicas e tecnológicas ao público em geral” (BUENO, 1984, p. 18).

Voltada, assim, para a difusão do conhecimento científico para a sociedade em geral, a divulgação científica se organiza como uma atividade discursiva específica materializada em uma produção enunciativa na qual se articulam elementos de diferentes campos, sendo os principais o científico, o educacional e o jornalístico/midiático (cf. COSTA, 2017, p. 202).⁶

⁶ O fato de envolver predominantemente os campos científico, educacional e midiático não impede que outras esferas de atividade e de comunicação social (como, por exemplo, a literatura ou o cinema) também comportem ações de divulgação científica. No caso da literatura, um caso bastante expressivo no Brasil se encontra em obras de Monteiro Lobato.

Trata-se de atividade de grande relevância social que, orientada, como salienta Grillo (2013), pelo objetivo de “promover a formação de uma cultura científica no conjunto da sociedade” (p. 13), materializa-se discursivamente em materiais didáticos, cursos, palestras, revistas, seções de matérias e reportagens em jornais, programas de televisão, canais em plataformas de compartilhamento de vídeos (*youtube*, p.e.), segmentos de programas jornalísticos ou de variedades, portais, *blogs* e redes na *internet*, museus, eventos, centros e prêmios ligados à ciência, além de ações governamentais e atividades acadêmicas de vários tipos nas universidades e instituições de pesquisa científica.

A natureza dialógica e heterogênea dessa atividade discursiva se expressa de várias maneiras. Uma delas tem a ver com a hibridação de elementos originários de campos e de discursos diferentes. Na divulgação científica encontram-se e hibridam-se elementos do discurso da ciência (a enunciação do fato científico, a descoberta, a investigação, a pesquisa, o progresso na área do conhecimento etc.), da educação (o didatismo, a transmissão de saberes, a formação de um repertório científico etc.) e da mídia (em particular, a transformação do fato em notícia, em informação relevante e de destaque). Tal entrelaçamento de campos e discursos se reflete em uma hibridação de gêneros discursivos/textuais e de recursos de textualização e de retextualização dos enunciados. Veja-se, por exemplo, o trecho de enunciado extraído do *site* da UFS e reproduzido abaixo na Figura 1. Trata-se de enunciado de divulgação, no qual se apresentam resultados de uma pesquisa científica desenvolvida no âmbito de um programa de pós-graduação da universidade. Seu objetivo é apresentar à sociedade, em uma linguagem não especializada e, portanto, acessível a um público leigo, informações sobre um determinado trabalho científico realizado pela universidade. Sendo um enunciado de divulgação científica, nele se encontram entrelaçados, justapostos ou hibridizados elementos dos campos científico, educacional e midiático.

Figura 1: Trecho de enunciado de divulgação científica da UFS.

Elementos do discurso midiático e de seus gêneros



Datação da edição; no caso, da matéria

UFS Ciência

Ter, 02 de julho de 2019, 17:12

Compartilhar Tweetar

Identificação destacada da seção

Título explorando o aspecto notícia, destacando elemento novo (estilo de manchete)

Subtítulo reforçando a 'novidade'

Trabalho infantil persiste, mas com características diferentes entre o campo e a cidade

Pesquisa mostra a 'especialização' do trabalho infantil em Sergipe

O trabalho infantil está longe de acabar. No campo e na cidade, meninos e meninas menores de idade são sujeitos a trabalhar para ajudar os pais com as despesas familiares. Segundo dados da Pesquisa Nacional de Amostra por Domicílio (Pnad 2016), do IBGE, 1,8 milhão de crianças e adolescentes de 5 a 17 anos exercem atividades laborais no Brasil. Em Sergipe, o número chega a mais de 47 mil.

Em 2014, o estado ficou em segundo lugar no ranking que leva em consideração as taxas de crescimento do trabalho infantil no país. De acordo com o Pnad, a incidência de trabalho infantil em Sergipe passou de 7% em 2013 para 10,4% em 2014. A maioria dos trabalhadores é do sexo masculino, residente no campo e na cidade, atuante principalmente na agricultura, comércio e serviços.

Dados numéricos, e estatísticos que se apresentam como informação nova

Fonte: Site da UFS. Disponível em <<http://ciencia.ufs.br/conteudo/63757-trabalho-infantil-persiste-mas-com-caracteristicas-diferentes-entre-o-campo-e-a-cidade>>. Acesso em 31/7/2021.

Na Figura 1, estão destacados alguns elementos composicionais, temáticos e estilísticos característicos de gêneros jornalístico-midiáticos, a saber: a identificação destacada da seção em que o texto está sendo publicado; a datação; a exploração da 'noticialidade' no título; o reforço dessa noticialidade no subtítulo; o uso, no título, de recurso típico de manchete jornalística (verbo no presente); dados numéricos e estatísticos (no corpo do texto) apresentados como informação nova.

Além dos traços destacados no trecho reproduzido, podem ser vistos em outros pontos do enunciado outros elementos do discurso midiático incorporados à sua arquitetura, tais como legendas identificadoras e informativas, fotos de atores envolvidos na 'notícia' e construções *dicendi* ('de acordo com X'; 'diz'; 'pontua'; 'explica'; 'informa que'; 'conta que'; 'relata que') usadas na construção do discurso indireto ou do discurso direto.

Tal como ocorre com elementos do discurso midiático, também integram a arquitetura desse enunciado elementos do discurso científico, conforme ilustra o trecho reproduzido na Figura 2, a seguir, onde se veem: a apresentação dos

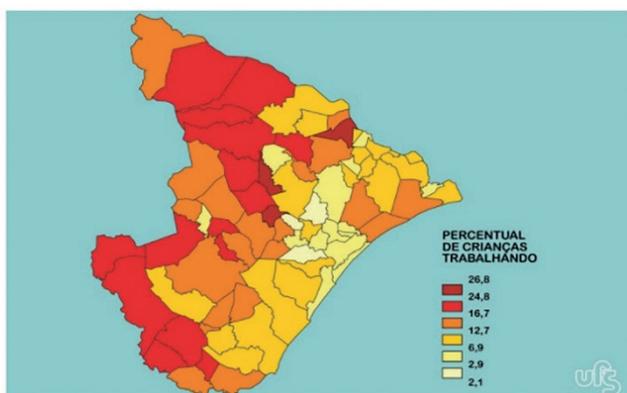
pressupostos, do objeto da investigação e dos vínculos institucionais da pesquisa; o uso de gráficos e diagramas com apresentação de resultados e sistematização de dados do *corpus* da pesquisa; e a apresentação de informações sobre a metodologia e os procedimentos de coleta e análise utilizados.

Figura 2: Trecho de enunciado de divulgação científica da UFS.

Elementos do discurso científico e dos seus gêneros

O trabalho infantil no campo tem características um pouco diferenciadas em relação ao da cidade. Tentar entender essas diferenças foi o que levou Rafaela Santos a realizar sua dissertação de mestrado, no Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFS. Sua pesquisa teve como foco a cidade de Aracaju e a zona rural de Itabaiana, por estarem entre os municípios com maior concentração de trabalho infantil no estado.

Apresentação dos pressupostos, do objeto e dos vínculos institucionais



Sergipe: Relação entre o total de crianças e adolescentes do município e número de crianças e adolescentes envolvidos em trabalho infantil (Fonte: trabalho da autora)

Uso de gráficos e diagramas com apresentação de resultados

Ao fazer o trabalho de campo, a pesquisadora identificou o perfil do trabalho infantil na cidade e no espaço rural. Ela pretendia caracterizar quem são os atores sociais, quais atividades realizam, qual a renda média adquirida, dados referentes à educação e o que levou essas pessoas a se inserirem no mundo do trabalho tão precocemente.

Apresentação de informações sobre a metodologia e dos procedimentos de coleta e análise utilizados

Fonte: Site da UFS. Disponível em <<http://ciencia.ufs.br/conteudo/63757-trabalho-infantil-persiste-mas-com-caracteristicas-diferentes-entre-o-campo-e-a-cidade>>. Acesso em 31/7/2021.

Além dos elementos aqui destacados, relativos aos campos científico e midiático, atravessam o enunciado traços discursivos típicos do campo educacional, principalmente a didaticidade, expressa no uso de uma composição lexical voltada para o interlocutor leigo, no emprego de definições sintetizadoras e de paráfrases etc.

Uma outra maneira pela qual se manifesta a natureza eminentemente dialógica do discurso de divulgação científica tem a ver com a heterogeneidade das vozes que o constituem. No que se refere a isso, este trabalho procurou abordar tal processo focalizando especialmente modos por meio dos quais a heterogeneidade

se constitui pela incorporação tanto de vozes individuais quanto de vozes sociais, como adiante se mostra.

Heterogeneidade no discurso de divulgação científica da UFS

O discurso de divulgação científica da UFS se constitui por um conjunto de gêneros e de sistemas de gêneros⁷ articulados em atividades e práticas discursivas por meio das quais a universidade dialoga com a sociedade com o objetivo de fornecer ao público em geral informações sobre o conhecimento científico e tecnológico produzido por seus departamentos e programas, bem como sobre os modos pelos quais esse conhecimento pode contribuir para a vida das comunidades por ele afetadas.

A divulgação científica da UFS se dá por meio de: matérias, notícias, entrevistas, informes etc. em áudios veiculados na emissora de rádio UFS e em plataformas virtuais e redes sociais; matérias, notícias, entrevistas, informes etc. veiculados no *site* da UFS; matérias, notícias, entrevistas, informes etc. em vídeos veiculados pela TV UFS em plataformas da *web* e em redes sociais; atividades de extensão (cursos, exposições, oficinas, seminários etc.) realizadas pela universidade na modalidade presencial e/ou em ambientes virtuais; palestras, conferências, exposições, entrevistas etc. realizadas individualmente por pesquisadores/as da universidade.

Na análise aqui apresentada são utilizados recortes de enunciados (que compuseram o *corpus* do plano de trabalho) materializados no *site*, em vídeos e em áudios veiculados na emissora de rádio ou em plataformas de mídias sociais também utilizadas pela UFS.

Em todos esses enunciados, a proferição é realizada por um enunciador cujo estatuto é de um divulgador. A voz desse divulgador não se confunde com a voz da UFS, que, nesse discurso, aparece, em diferentes momentos, referida como terceira pessoa e representada por diferentes atores: o pesquisador, o coordenador do programa, o estudante, o programa X, o instituto Y, a Pró-Reitoria Z etc., cujas vozes são recrutadas pelo enunciador-divulgador. Esse enunciador-divulgador se constitui, portanto, como uma instância enunciativa que, respondendo pela autoria, organiza as outras vozes que, juntamente com a sua, são incorporadas ao território do enunciado por meio de diferentes procedimentos de textualização e retextualização⁸. Nesse processo, a incorporação dialógica da voz do outro pode se dar tanto por meio de operações em que o discurso alheio é evocado, identificado e demarcado no terreno do enunciado, distinguindo-se nitidamente do discurso do enunciador, quanto por meio de operações em que, para utilizar a expressão de Bakhtin (2008[1963], p. 228), o discurso é bivocal e não há uma clara separação entre as vozes que se põem em relação dialógica.

⁷ Sobre conjunto de gêneros e sistemas de gêneros, cf. Bazerman (2011).

⁸ Para uma discussão sobre a ideia de *retextualização*, conferir Marcuschi (2010).

Enquanto na primeira situação, abarcada pelo que Authier-Revuz define como *heterogeneidade mostrada*, é possível observar a incorporação de vozes que, em alguns casos, podem ser caracterizadas como vozes individuais, o que ocorre, no caso dos enunciados focalizados, principalmente por meio da utilização do discurso relatado (discurso direto ou discurso indireto), na segunda as condições são muito mais propícias à manifestação de vozes sociais, representativas de posições ideológicas do fluxo interdiscursivo não associáveis imediata e exclusivamente a um sujeito específico.

Vejamos isso mais de perto, no trecho de enunciado apresentado na Figura 3, mais adiante.

No trecho marcado com a linha de contorno contínua, a voz do enunciador-divulgador evoca, identifica e demarca uma outra voz. É a essa outra voz, imputada a um indivíduo específico (no caso, a pesquisadora), que o enunciador atribui, por meio do discurso indireto, a afirmação de que a realidade descrita nos parágrafos anteriores traduz intolerância, déficit de habilidades, preconceito e discriminação.

No parágrafo seguinte, marcado com a linha de contorno tracejada, o enunciador volta a demarcar e identificar essa outra voz (do mesmo indivíduo), mas, desta vez, por meio do discurso direto, marcado com o emprego das aspas. Assim fazendo, o enunciador apresenta uma espécie de cena na qual essa outra voz é proferida com as próprias palavras do indivíduo específico que a emite.

Figura 3: Trecho de enunciado de divulgação científica da UFS.

Violência contra LGBTs: a intervenção de habilidades sociais no combate aos números que sangram

Pesquisa analisou efetividade de programa de habilidades sociais na redução do preconceito contra a diversidade sexual e de gênero em adolescentes

O dia parece ter se tornado cada vez mais curto para os LGBTs (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros) no Brasil. A cada 19 horas, um deles é morto aos olhos de muitos. Só no ano passado, 445 homicídios foram registrados em todo o país – 30% a mais que em 2016 –, colocando-o no topo dos países com maior índice de crimes de violência homofóbica em todo o mundo e deixando em alerta órgãos como o Ministério dos Direitos Humanos (MDH) e a Organização das Nações Unidas (ONU).

Os dados – alarmantes – fazem parte de um relatório do Grupo Gay da Bahia (GGB), que estuda informações sobre crimes de homofobia no Brasil há quase quarenta anos e é considerada a maior entidade nacional sobre o assunto. Tais números apontam ainda que, na contramão do acesso à informação e das campanhas que visam à compreensão da diversidade nos mais diversos âmbitos, a violência contra LGBTs tem crescido significativamente a cada ano.

Segundo a pesquisadora Kelyane Oliveira de Sousa, mestre em Psicologia Social pela Universidade Federal de Sergipe, essa realidade traduz uma intolerância massiva a algo que só diz respeito ao indivíduo e um déficit de habilidades sociais que implicam um alto nível de preconceito e discriminação contra a diversidade sexual e de gênero.

“Desde que o mundo é mundo, o grupo exerce maior poder de influência sobre os conceitos individuais. Daí as escolas, o núcleo familiar, os grupos religiosos, partidos políticos etc. Com a tecnologia e a atual dimensão de redes sociais, sem o acompanhamento dos pais, –, as crianças e os adolescentes têm crescido sob uma perspectiva social dualista e imediatista que beira a intolerância e a dificuldade em lidar com as diferenças rotineiramente”, diz Kelyane.

Fonte: Site da UFS. Disponível em <<https://ciencia.ufs.br/conteudo/62374-violencia-contralgbts-a-intervencao-de-habilidades-sociais-no-combate-aos-numeros-que-sangram>>. Acesso em 02/08/2021.

Nos dois casos temos, portanto, a demarcação de uma voz individual, situação em que a um sujeito específico é atribuída a autoria e a responsabilidade por essa voz.

Nesse ponto vale lembrar que, conforme já assinalado anteriormente, nos termos aqui utilizados, voz individual não coincide necessariamente com a voz de uma pessoa física. Veja-se, por exemplo, esse trecho de enunciado:

De acordo com os dados do Sistema Nacional de Informações Sobre Saneamento (SNINS), apenas 46% dos esgotos gerados no Brasil são tratados de forma adequada.

<https://ciencia.ufs.br/conteudo/65784-mau-desempenho-do-tratamento-de-esgoto-de-condominios-exige-atencao-mostra-estudo>

Trata-se de uma passagem (também extraída de enunciado do site da UFS) em que, à semelhança dos exemplos anteriores, a voz do enunciador-divulgador evoca, identifica e demarca uma outra voz. É a essa outra voz que ele imputa, por meio do discurso indireto, a afirmação de que apenas 46% dos esgotos gerados no Brasil são tratados de forma adequada. Embora não haja aí empiricamente uma pessoa física, há um sujeito individualizado (a despeito de se tratar de um sujeito institucional, o SNINS), cuja identidade é explicitada e a quem se atribui a

responsabilidade por uma afirmação. Nos termos aqui utilizados, trata-se, também nesse caso, de uma voz individual.

No que se refere à manifestação social das vozes envolvidas no discurso de divulgação científica da UFS, vale destacar alguns modos pelos quais nesse discurso se articulam interlocutores imediatos com apreciações presumidas do supradestinatário e posições presentes no fluxo interdiscursivo.

É o que se pode perceber, por exemplo, no seguinte trecho do enunciado já mencionado:

“Vivemos numa sociedade heteronormativa e reproduzimos esse padrão como sendo único e verdadeiro, o que não é verdade. As pessoas são diferentes física, emocional e sexualmente, dentre inúmeros outros aspectos. Não se pode exigir que todos sejam iguais e não se pode punir ou discriminar alguém por não fazer parte do que é dito convencional. E trabalhar as habilidades sociais do indivíduo é um passo muito importante para que isso possa ser compreendido”, completa.

<https://ciencia.ufs.br/conteudo/62374-violencia-contra-lgbts-a-intervencao-de-habilidades-sociais-no-combate-aos-numeros-que-sangram>

O que se pode ver aqui, nos trechos assinalados com contorno, é um procedimento por meio do qual a pesquisadora incorpora vozes discordantes à sua própria voz para, no mesmo movimento, discordar delas e refutá-las categoricamente. No primeiro caso, a pesquisadora coloca em cena duas vozes: uma delas, que corresponde à voz social identificada com a heteronormatividade, afirma que o padrão heteronormativo socialmente reproduzido é único e verdadeiro; a outra, à qual a voz da pesquisadora se associa, refuta essa primeira voz dizendo não ser verdade o que ela afirma. Nos dois casos assinalados na sequência, tem-se um procedimento análogo: ao afirmar que “não se pode exigir”, a voz da pesquisadora rebate a voz subjacente que afirma se poder exigir; e, ao asseverar que “não se pode punir ou discriminar alguém”, ela se contrapõe à voz que professa o contrário.

Em todas essas ocorrências, o que está em foco não é apenas a voz de um ou outro indivíduo, mas sim vozes sociais identificadas com diferentes (e divergentes) posições ideológicas presentes no fluxo interdiscursivo da sociedade. O que se enuncia nos casos destacados é um discurso em que a apresentação de uma pesquisa científica sobre a relação entre (a ausência de) habilidades sociais e a violência contra grupos específicos é atravessado por vozes (evidenciadas pelo jogo de afirmação e refutação posto em cena pela voz da pesquisadora) cujo confronto reflete e refrata o embate social entre, de um lado, as tendências e forças sociais, culturais e políticas identificadas com a defesa da diversidade sexual e de gênero e, de outro, aquelas identificadas com o combate a essa diversidade.

Embora possa ser mais facilmente detectável em enunciados ligados a pesquisas no campo das ciências humanas (como é o caso dos enunciados vistos até agora), a manifestação de vozes sociais não deixa de ocorrer em enunciados de divulgação também de outras áreas. E obviamente não ocorre apenas em

enunciados grafocêntricos, mas também em enunciados produzidos com outros recursos semióticos ou multissemióticos.

Um exemplo ilustrativo se encontra no enunciado “Pesquisadores da UFS trabalham em embalagem biodegradável”, acessível em: <https://www.youtube.com/watch?v=SD_BNzECZnE&t=202s>.

Trata-se de um enunciado produzido no formato de vídeo e veiculado no programa “Estação Agrícola”, que regularmente vai ao ar pela TV Sergipe aos domingos pela manhã.

Pelas feições do próprio gênero (reportagem de um programa jornalístico de TV), o enunciado já é naturalmente constituído pela articulação de várias vozes. Nele falam as vozes do apresentador do programa, da repórter que conduz a matéria, do cinegrafista que mostra as imagens, da pesquisadora coordenadora do projeto e de estudantes que participam da pesquisa. Todas essas vozes são postas em cena por uma instância enunciativa que corresponde à voz do enunciador-divulgador, que no momento inicial do quadro se faz representar pela voz do apresentador. A proferição das diferentes vozes se faz de modo geral por um processo de delegação e de uso do discurso reportado, em que o apresentador reporta a voz da repórter que reporta o discurso da pesquisadora coordenadora e dos estudantes pesquisadores.

Para além desse concerto de vozes individuais, vale destacar o modo como determinados processos de textualização-discursivização inscrevem o enunciado no interior de um determinado fluxo interdiscursivo e, assim fazendo, carregam para o território do enunciado vozes sociais presentes no interdiscurso. Nesse sentido, pode-se reconhecer de modo mais ou menos nítido no território do enunciado a presença de vozes sociais identificadas com pelo menos três posições ideológico-discursivas presentes na sociedade: a preservação do meio ambiente, a sustentabilidade e a responsabilidade social da ciência.

Exemplos de manifestação dessas posições discursivas podem ser percebidos já no título do enunciado. Um deles, por meio da palavra *biodegradável*. No Houaiss, a entrada do verbete remete a material que “pode ser destruído por um agente biológico – p. ex., bactérias” (2009, p. 291); no Aurélio, a “substância suscetível de decomposição por microorganismos” (1986, p. 259). No contexto do enunciado, entretanto, a voz que ecoa na palavra é muito mais ampla que a voz do seu significado de dicionário. O que se tem aí é a manifestação de vozes que atualizam um discurso de preservação ambiental e que, nessa linha, condenam o uso de materiais inorgânicos que não se decompõem ou levam muito tempo pra se decompor no meio ambiente. Há, portanto, uma voz social ecoando um discurso social com grande presença no fluxo interdiscursivo.

Um outro exemplo, ainda no título, tem a ver com o uso do verbo *trabalham*, que, para além do significado de dicionário, abriga ecos de um discurso no qual se assinala a responsabilidade social do trabalho científico, sua tarefa de buscar

respostas a problemas coletivos e a necessidade de prestar contas da sua atividade.

No mesmo vídeo, merecem, ainda, menção os seguintes trechos de falas, nos quais se manifestam posições sobre o meio ambiente, a sustentabilidade e a responsabilidade social (entre parênteses se indica, em minutos e segundos, o intervalo de tempo em que se dá a ocorrência no vídeo):

- Meio ambiente

“O uso excessivo do plástico tem sido uma preocupação no mundo todo, e por isso várias alternativas são pensadas” (0:00/0:08) – apresentador;

“E quando a gente fala que nesse processo nada se perde, não é exagero, não, viu? Até mesmo esse composto fúngico aqui quando vira uma embalagem, que depois vai parar no meio ambiente, não provoca nenhum impacto negativo, muito pelo contrário” (3:28/3:43) – repórter.

“E não para por aí, eles continuam pensando no meio ambiente e no futuro” (4:08/4:12) – repórter.

- Sustentabilidade

“Pesquisadores daqui de Sergipe encontraram na natureza algo que pode ser uma opção sustentável para amenizar este problema” (0:09/0:17) – apresentador.

“É aqui, no Laboratório de Microscopia da Universidade Federal de Sergipe, que os alunos e a professora Regina Helena pensam no futuro” (0:22/0:30) – repórter.

“E aqui nada se perde” (2:48/2:49) – repórter.

“O volume de substrato que é utilizado na compostagem é muito grande, porque boa parte desse substrato é perdido. Na nossa técnica, não; não perde nada. Tudo que entra, sai. A gente tem uma preocupação muito grande em usar os resíduos, a gente usa resíduo que é da agroindústria” (2:50/3:08) – pesquisadora.

“Pode inclusive servir como adubo para as plantas e até controlar doenças no solo” (3:28/3:48) – repórter.

- Responsabilidade social/Prestação de contas da ciência

“É aqui, no Laboratório de Microscopia da Universidade Federal de Sergipe, que os alunos e a professora Regina Helena pensam no futuro” (0:22/0:30) – repórter.

“Desde 2017 eles estudam uma forma de reaproveitar resíduos da agroindústria, como bagaço de cana e pó de coco” (0:31/0:38) – repórter.

“A pesquisa já foi patenteada e rendeu prêmios” (3:18/3:20) – repórter.

“E os alunos aqui já estão estudando tudo isso” (3:49/3:52) – repórter.

“Ciência sergipana a serviço da preservação do meio ambiente. Bom demais!” (4:24/4:30) – apresentador.

Como se pode ver, embora os trechos de fala mostrados sejam proferidos por vozes individuais específicas (da pesquisadora, do repórter, do apresentador),

trata-se de vozes individuais atravessadas por vozes sociais representativas de posições discursivas em circulação na sociedade (no caso, o ambientalismo, a sustentabilidade e a responsabilidade social da ciência).

Considerações finais

Nas páginas precedentes buscamos mostrar alguns modos e procedimentos através dos quais a heterogeneidade se manifesta em processos enunciativos presentes no discurso de divulgação científica por meio do qual a Universidade Federal de Sergipe simultaneamente presta contas das suas atividades e tenta contribuir para o letramento científico da sociedade, repassando, por meio de práticas que articulam diferentes esferas de atividade social (científica, midiática, educacional etc.) e do uso de múltiplos gêneros discursivos e de diferentes mídias (conferências, entrevistas, reportagens, *podcasts*, vídeos, áudios, informes impressos etc.), o conhecimento produzido pelos seus programas e ações de pesquisa.

Assim fazendo, a universidade mantém-se em diálogo com a sociedade e com as discussões, embates e demandas que circulam na vida social, refletindo-se (e refratando-se) tal diálogo no seu discurso de divulgação científica.

Aqui buscamos apresentar justamente uma amostra de como vozes sociais, representativas de demandas e posições ideológico-discursivas presentes na sociedade (assim como das apreciações valorativas que lhes correspondem) habitam o território de enunciados da universidade, em articulação com as vozes individuais postas em cena pelos mecanismos linguístico-discursivos que compõem esses enunciados.

Esperamos, assim, ter evidenciado pela análise que o discurso de divulgação da universidade em questão não se materializa em enunciados constituídos univocamente por um centro de proferição homogêneo, estável, uno, mas sim por um entrelaçamento heterogêneo de vozes individuais e sociais que se põem em relações dialógicas (negociações, acordos, conflitos etc.) no território desses enunciados.

Por fim, julgamos ter fornecido alguns elementos a partir dos quais se pode, com base em proposições teóricas do Círculo de Bakhtin, empreender abordagens que visem compreender as produções enunciativas levando em conta o seu caráter constitutivamente dialógico e heterogêneo.

INDIVIDUAL AND SOCIAL VOICES IN THE UFS SCIENTIFIC DISSEMINATION DISCOURSE

Abstract: *Based on propositions from the Bakhtin Circle, in this article we focus on the UFS scientific dissemination discourse, postulating the idea that the utterances in which this discourse is materialized are constituted by an articulation of individual and social voices that, organized by linguistic-textual procedures, reflect and refract ideological positions in circulation in the interdiscursive flow of society. In accordance with this proposition, we seek to show some ways in which the UFS scientific dissemination*

discourse, carried out in different genres and genre systems, is built through dialogical relationships in which the heterogeneity works as one of the most important elements.

Keywords: Discourse; Scientific dissemination; Dialogism; Heterogeneity.

Referências

- AUTHIER-REVUZ, J. [1982]. *Entre a transparência e a opacidade: um estudo enunciativo do sentido*. Porto Alegre, Editora PUCRS, 2004.
- BAKHTIN, M. [1934-35] O discurso no romance. In: *Questões de literatura e de estética. A teoria do romance*. Tradução do russo de Aurora Fornoni Bernardini e outros. 5. ed. São Paulo: Hucitec/Annablume, 2002; p. 71-210.
- BAKHTIN, M. [1963] *Problemas da poética de Dostoievski*. Tradução do russo de Paulo Bezerra. 4. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.
- BAKHTIN, M. [1952-53] Os gêneros do discurso. In: *Estética da criação verbal*. Tradução do russo de Paulo Bezerra. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010. p. 261-306.
- BAKHTIN, M. [1959-61] O problema do texto na linguística, na filosofia. In: *Estética da criação verbal*. Tradução Paulo Bezerra. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010. p. 307-335.
- BAKHTIN, M. *Para uma filosofia do ato responsável*. [1920-24] Trad. do italiano por Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.
- BAZERMAN, C. Atos de fala, gêneros textuais e sistemas de atividades: como os textos organizam atividades e pessoas. In: DIONÍSIO, A. P.; HOFFNAGEL, J. C. (org.) *Gêneros textuais, tipificação e interação*. Trad. Judith C. Hoffnagel. 4.ed. São Paulo: Cortez, 2011. p. 19-48.
- BUENO, W. C. *Jornalismo científico no Brasil: uma prática dependente*. Tese (Doutorado em Comunicação), ECA/Universidade de São Paulo, São Paulo, 1984.
- BUENO, W. C. Comunicação Científica e Divulgação Científica: Aproximações e rupturas conceituais. *Informação & Informação. Tema: Comunicação Científica: Complexidade e Multifacetada*. Londrina, v. 15, n. 1 Especial, p. 1-12, 01 out. 2010.
- CORACINI, M. J. R. F. *Um fazer persuasivo: o discurso subjetivo da ciência*. 2. ed. Campinas: Pontes, 2007.
- DUCROT, O. *O dizer e o dito*. Trad. Eduardo Guimarães. Campinas: Pontes, 1987.
- FIORIN, J. L. Dialogismo. In: *Introdução ao pensamento de Bakhtin*. São Paulo: Editora Contexto, 2018. p. 21-65.

GRILLO, S. V. C. *Divulgação Científica: Linguagens, esferas e gêneros*. 2013. 333 f. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Filologia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

HOLANDA, A. B. *Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

INSTITUTO ANTONIO HOUAISS. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

MAINGUENEAU, D. *Análise de textos de comunicação*. 3 ed. São Paulo: Editora Cortez, 2004.

MARCUSCHI, L. A. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

MEDVIÉDEV, P. [1928] *O método formal nos estudos literários – Introdução crítica a uma poética sociológica*. Trad. Ekaterina V. Américo e Sheila C. Grillo. São Paulo: Contexto, 2012.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE, *Plano de Desenvolvimento Institucional 2016/2020*. Aracaju, 2016. Disponível em: <https://www.google.com/search?client=firefox-b-d&q=UFS+PDI+2016-2020>. Acesso em 18 ago. 21.

VOLÓCHINOV, V. [1929] *Marxismo e filosofia da linguagem*. Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução do russo de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2017.

VOLOCHINOV, V. [1927] *Freudisme. Essai critique (Le)*. Publ. Sob o nome de M. Bakhtin. Trad. par Guy Verret. Lausanne. Editions L'Age d'Homme, 1980.

ZAMBONI, L. M. S. *Cientistas, jornalistas e divulgação científica*. Campinas: Autores Associados, 2001.